

Revista de Literatura,
História e Memória

Narrativas da Memória:
O Discurso Feminino

ISSN 1809-5313

VOL. 3 - Nº 3 - 2007

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 9-34

A VOZ DA MULHER NA LITERATURA

WOELLNER, Adélia Maria¹

RESUMO: Pretende-se discutir a presença feminina na literatura paranaense, observando a contribuição da mulher nas letras paranaenses, seja na área da prosa ou da poesia. Discutir-se-á, também, a importância e função da palavra literária, que representa a infinitude de possibilidades no uso dos recursos humanos de expressão para mudança e registro dos passos do indivíduo, da sociedade, da própria humanidade
PALAVRAS-CHAVE: Mulher; Literatura; História.

ABSTRACT: This paper aims at discussing the feminine presence in the literature of Paraná, focusing the contributions of the women to the prose and poetry. It also discusses the importance and function of the literary word, that represents the infinite possibilities concerning the use of the resources of expression for changing and recording the individual's, the society's, the mankind's steps.
KEY-WORDS: Woman; Literature; History.

A palavra é desde sempre.

"No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus", registra a Bíblia (João, 1:1). Havia apenas o caos. "E Deus disse: Faça-se a luz e a luz foi feita" (Gênesis, 1:3).

O livro de Gênesis relata a criação do mundo, mostrando-nos que Deus se manifestou usando o verbo, a palavra, para criar. Se somos feitos "à imagem e semelhança de Deus" (Gênesis 1: 26), dele recebemos o dom da palavra, o privilégio de também criar. Sim, criamos através da palavra: ela nos socorre, nos informa, nos embala, nos encanta, ela nos eleva ou nos destrói. Por isso, a sábia orientação deste provérbio indiano: "quando falares, cuida para que tuas palavras sejam melhores que o silêncio".

"Definir uma palavra é como capturar uma borboleta no ar", indica poeticamente Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, pois, efetivamente, uma palavra, ainda que sozinha, é signo, é símbolo, é significado, é enunciado, é comunicação, é arte.

Estamos tão impregnados da palavra, desde quando balbuciamos as nossas primeiras manifestações, que nem nos damos conta do quanto ela é significati-

va, valiosa, importante. “As palavras são mais poderosas do que balas de fogo; a caneta é mais potente do que a espada”, alerta Oswald Mbuyiseni.

Literatura, História e Memória: eis o valor final para o qual se pretende converjam todos os resultados deste VI Seminário Nacional.

Literatura, História e Memória: três palavras que representam a infinitude das possibilidades no uso dos recursos humanos de expressão para mudança e registro dos passos do indivíduo, da sociedade, da própria humanidade.

O material de trabalho do escritor é a palavra. Feliz a expressão do professor e escritor paranaense Paulo Venturelli, ao afirmar que “[...] as palavras são massa para modelação de instantes” (1997, p.59). “Modelar instantes” é criar!

Como escritor e com muita competência, assim se define o crítico e acadêmico João Manuel Simões: “o escritor pode escrever apenas ludicamente, pelo prazer da escrita, para fruir a beleza estética da própria palavra tornada emblema, metamorfoseada em insígnia verbal [...]. Pode escrever para confessar-se, para mostrar os próprios labirintos interiores [...]”.

Mas, ao lançar as suas palavras no papel, o escritor pode ser também testemunha – de acusação ou de defesa – no processo existencial de que participa e ao qual se submete. Mas o escritor, não me canso de afirmá-lo, não se situa à margem dos homens e dos seus problemas, da vida e das suas realidades, da vida e das suas manifestações. Ele deverá realizar a síntese verbal do homem, o resumo discursivo do mundo, o precipitado dialético da vida. Do homem, pelo homem, para o homem: eis aí o lema, o destino, a programática de toda a criação literária genuína e autêntica.

Um grande escritor, pois, com as exceções que sempre confirmam as regras, é por excelência um humanista. Está a serviço dos homens, da humanidade. Assim, tanto a criação ficcional, como a concentração dramática, a transfiguração poética ou a exegese crítica (também criadora, só que de idéias), são fórmulas de um processo catártico em que o homem se purifica e a sociedade se higieniza. E integram um poliedro imenso. Um poliedro cujo centro é o homem, cujo espaço é o mundo e cujos vértices polarizam a própria vida (*O Estado do Paraná*, Curitiba, 14 de agosto de 2005).

E Érico Veríssimo vai além: “Sempre achei que o menos que um escritor pode fazer, numa época de violência e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão, propícia aos ladrões e assassinos”.

Talvez por isso Clarisse Lispector tenha dito: “Escrever não é fácil, é duro como quebrar rochas, mas voam faíscas e lascas como aços espelhados”.

Palavras viram lascas e faíscas que, criando luz, iluminam a consciência e o saber, numa pequena imitação divina para desfazer as trevas da ignorância. É certo que o reconhecimento dessa concessão levou o grande e místico poeta Fernando Pessoa a agradecer, em forma de oração: “Bendito Deus nosso Senhor que nos deu o signo (a palavra)”. Palavra que está sempre disponível, ao homem e à mulher, como

o raio de sol que desponta e se expõe, oferecendo-se a todos, sem escolhas ou restrições. Semelhanças e diferenças, nem sempre facilmente identificáveis no estilo. Já observei, nas mulheres, a explosão da palavra forte, contundente, vigorosa, decidida e palavras de homens, revelando profunda doçura, suavidade, ternura. As comparações são sempre inevitáveis. Parece ser da natureza humana balançar-se na gangorra dos opostos, para encontrar traços, investigar e identificar diferenças.

Por trás da porta do tempo, já Victor Hugo, o grande escritor francês do século XIX, tentava, poeticamente, estabelecer o diferencial caracterizador do homem e da mulher:

O HOMEM E A MULHER

O homem é a mais elevada das criaturas,
a mulher é o mais sublime dos ideais.
Deus fez para o homem um trono;
para a mulher, um altar:
o trono exalta,
o altar santifica.

O homem é o cérebro;
a mulher, o coração:
o cérebro fabrica a luz,
o coração produz o amor;
a luz fecunda;
o amor ressuscita.

O homem é forte pela razão;
a mulher é invencível pelas lágrimas.
A razão convence;
as lágrimas comovem.

O homem é capaz de todos os heroísmos;
a mulher é capaz de todos os martírios:
o heroísmo enobrece;
o martírio sublimiza.

O homem tem a supremacia;
a mulher, a preferência:
a supremacia significa a força;
a preferência representa o direito.

O homem é um gênio;
a mulher, um anjo;
o gênio é imensurável;
o anjo é indefinível.
A aspiração do homem é a suprema glória;
a aspiração da mulher é a virtude extrema:
a glória a tudo engrandece;
a virtude a tudo diviniza.

O homem é um código;
a mulher, um evangelho;
o código corrige;
o evangelho aperfeiçoa.

O homem pensa;
a mulher sonha:
pensar é ter no crânio uma larva;
sonhar é ter na frente um auréola.

O homem é um oceano;
a mulher é um lago:

o oceano tem a pérola que adorna;
o lago, a poesia que deslumbra.

O homem é a águia que voa;
a mulher, o rouxinol que canta:
voar é dominar o espaço;
cantar é conquistar a alma.

O homem é um templo;
a mulher é o sacrário:
ante o templo nos descobrimos,
ante o sacrário nos ajoelhamos.

Enfim,
o homem está colocado onde termina a terra;
a mulher, onde começa o céu.

Neste poema, a mulher é endeusada, idolatrada. Mas, colocada nesse pedestal, parece estar ela sendo alijada da realidade, como ser humano capaz de

qualidades e defeitos, vitórias e fracassos, alegrias e dores, lágrimas e risos. Capaz de acertar e de errar, capaz de VIVER...

Observem algumas afirmações do poeta que ficam eclipsadas no texto enaltecedor. Vou me abster de fazer maiores comentários. O importante, no caso, é refletirmos sobre o significado dos adjetivos utilizados, para comparar, qualificando um ou outro.

Ao homem é reservado o lado material, concreto, o poder, a decisão, o heroísmo, a força, a glória, a capacidade de pensar, o domínio; para a mulher é concedida uma espécie de transitar etéreo, sublime, divinal, o sonho, o poético.

Não se pretende negar as melhores intenções de veneração do poeta à mulher. Quis, sim, exaltá-la; tenhamos presente que ele começou a escrever nas primeiras décadas de 1800. Mas esse registro ficou marcado de forma indelével no inconsciente coletivo. Alterar essa tatuagem psicológica, certamente demandou revoluções e reações.

E não há mesmo como analisar a participação da mulher, hoje, qualquer que seja o campo de atuação, sem virarmos as páginas do livro do passado, numa retrospectiva histórica que permita acertar o olhar e a compreensão dos costumes de épocas mais remotas. "Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele". Assim está escrito em Gênesis (cap. 2, versículo 18), pelo menos na Bíblia editada em Lisboa e traduzida pelos missionários capuchinhos.

Na verdade, a mulher, até há pouco tempo, era mesmo considerada executora apenas de tarefas auxiliares, menos importantes, cabendo, ao homem, aquelas consideradas principais.

Que mulher ousaria tentar quebrar barreiras tão grandes e tão profundas?

Certa ocasião encontrei uma citação, atribuída a Aristóteles, que dizia: "O escravo é inteiramente desprovido da liberdade de deliberar; a mulher a possui, mas fraca e ineficiente".

Quantas delas foram privadas, inclusive, da alfabetização? Que voz feminina poderia ser ouvida, nessas condições?

Rebeldia e destemor precisaria, qualquer mulher, para ousar romper preconceitos. Alguns exemplos, a historiografia nos revela. Basta citar um único nome: Joana D'Arc, no século XV.

Os livros registram incontáveis nomes de filósofos. Homens! E mulheres?

Este não é o momento, porém, para aprofundar essa análise sociológica. A referência é feita, tão somente, para procurar compreender o mutismo feminino até não muito tempo atrás.

Quando aceitei o convite para falar sobre "O discurso feminino – a voz da mulher na literatura", desde logo precisei definir a abrangência no tempo e no espaço.

No espaço, decidi analisar a situação nos limites do estado do Paraná, por duas razões principais. Primeira, porque sendo o paranaense tido como "autofágico",

conservador, reservado, a mulher teria, como consequência, maior dificuldade para manifestar, com maior liberdade e autenticidade, seus sentimentos e emoções, percepções e opiniões. Segunda, porque dispunha de algumas obras críticas sobre a literatura paranaense, que me poderiam proporcionar pesquisa mais segura.

Quanto ao tempo, encontrei melhor material com relação a mulheres nascidas a partir da segunda metade do século XIX. Além disso, optei por focar nomes de autoras já falecidas, evitando, desta forma, injustiças que, inevitavelmente, eventuais esquecimentos poderiam causar.

O primeiro livro que elabora um retrato da literatura no Paraná, é o de Mariana Coelho, editado em Curitiba, em 1908, e reeditado pela Imprensa Oficial do Estado em janeiro de 2002.

Na apresentação, diz Wilson Hideki Sagae (1980):

“O Brasil Mental”, este é o irônico título do livro editado, em 1898, em Portugal, e assinado por Sampaio Bruno [...] com fins a provar que a antiga colônia não tinha sinais de vida intelectual apreciável. Tal graça, que nas terras de além-mar fizeram repercutir ecos de orgulho nos renitentes imperialistas deserdados, por cá, Brasil, tornou-se motivo de ácidos comentários contra os imigrantes vindos da terrinha.

Tal mostra de animosidade teve repercussão também no Paraná, onde intelectuais trataram de aprumar suas penas em nome da pujança de nossas letras e artes. Personalidades como Romário Martins, Rocha Pombo, Nestor Víctor, assim como os simbolistas da revista “O Cenáculo”, não deixaram de se manifestar, mas foi a uma jovem portuguesa que coube a tarefa de produzir a melhor obra do gênero.

Mariana Coelho, irmã dos poetas Teixeira Coelho e Thomaz Coelho, foi uma mulher de qualidades. Diretora fundadora do liceu Santos Dumont, escreveu contos e poesias e, com o mesmo cuidado estético e intelectual, ocupou-se com a crítica literária e de outras artes; por meio de pensamentos e ações, defendeu os direitos da mulher em uma época marcada pelo preconceito – lembremos que estamos em 1908 e as mulheres só passaram a ter direito ao voto a partir de 1932.

Dando mostras que seu feminismo tinha raízes profundas em seu ideário, Mariana Coelho escreveu “A evolução do feminismo”, obra pioneira no assunto e que tomou quase trinta anos de sua vida antes de ser editada em 1930.

Voltando a 1908, Mariana Coelho nos apresenta este belo volume chamado “O Paraná Mental”. Neste caso, ao invés de uma depreciação da inteligência brasileira, trata-se de um trabalho de catalogação crítica do que foi e estava sendo feito em matéria de literatura, teatro e artes plásticas no Paraná.

Pelas condições em que foi escrito, quando se envolviam em debates brasileiros e portugueses quanto ao valor e capacidade de cada cultura, Mariana Coelho bem poderia ter escrito páginas de puro lastro, em que trataria condescendentemente os trabalhos por aqui realizados, a fim de abrandar as relações entre seus patrícios e aqueles moradores de sua nova pátria; porém, diferente do esperado, realizou uma verdadeira obra crítica, segundo o intelectual Wilson Martins, a primeira com verdadeiro valor.

Para além do mérito historiográfico, as apreciações feitas por Mariana Coelho guardam uma elegância e uma ironia que já fazem valer a leitura. Acompanhando seu debate com Júlio Perneta, o poeta simbolista, a maneira como descarta os argumentos agressivos e contra-ataca com educada feminilidade, revela quão precisos são os elogios feitos pelo historiador Rocha Pombo na introdução deste volume, em que a trata como senhora que se impôs à sociedade paranaense pela sua lucidez e inteligência.

Como se verifica, este é o primeiro trabalho de catalogação crítica de uma mulher. E que coragem teve Mariana Coelho, nascida em Portugal, em 1857, e que se radicou em Curitiba, em 1892, cidade na qual foi professora.

Ouçam o que ela afirma no seu livro:

Sendo verdade indiscutível que o desenvolvimento crescente das belas artes marca o grau de progresso na civilização de um povo, este belo Paraná é já mais que suficientemente distinto para merecer uma carinhosa apreciação analítica dos povos mais adiantados. Em literatura, principalmente, tem progredido de uma maneira notável desde muito recente data, sendo já bastante freqüente a publicação de obras literárias, tanto em verso como em prosa, realmente dignas, dentro da diversidade da sua cor ou forma artísticas, de uma lisonjeira propaganda fora do país. (COELHO, 1857, p. 31).

E Mariana Coelho acrescenta, dando uma nítida visão de como eram consideradas as mulheres intelectuais da época. Diz ela:

Se uma mulher se destaca um pouco do vulgar, dando à sua inteligência um cultivo mais elevado; se tem o arrojo de iniciar-se nos irresistíveis segredos da Arte, manifestando em qualquer assunto desta – principalmente em literatura – a sua organização artística, quando aparece em público, é ainda, para a segunda classe a que me refiro, motivo de sorrisos alvarmente inteligentes, de frases saturadas de ridículo, acontecendo muitas vezes que, quando ela atravessa uma rua, atrai a curiosidade de espectadores trocistas [...] impagáveis, mirando-a com a curiosidade de quem vai ver o urso! Porque há escritores que em tudo admitem o progresso, menos no desenvolvimento intelectual e social do sexo feminino! Ora, tal absurdo não se impinge, a estas horas, em letra redonda! Esta segunda classe, repito, não admite que a mulher

tenha o direito de ocupar na sociedade um lugar superior ao que lhe proporcionava a educação d'outrora, que primava por sopitar-lhe, autoritariamente, a inteligência e o talento (COELHO, 1857, p. 93).

Em "O Paraná Mental", segundo Rocha Pombo, Mariana Coelho "assinala, a traços gerais, [...] tudo que apresenta de significativo o esforço de duas ou três gerações no domínio das letras e das artes" (p. 14). No livro são destacados exatamente 103 literatos, porém apenas uma mulher: Júlia da Costa.

Se Mariana Coelho foi a primeira escritora a publicar um livro de análise literária, Júlia da Costa, segundo consta, foi a primeira mulher paranaense a publicar um livro. Seu primeiro trabalho – "Flores Dispersas" (1º volume) foi editado em 1867; e o segundo volume, com o mesmo título, em 1868. Toda a obra conhecida da poetisa foi reunida em edição da Imprensa Oficial do Estado do Paraná, em 2001, integrando a série "Brasil Diferente". A organizadora da obra, Zahidé Lupinaci Muzart (2001, p.15) oferece detalhes sobre a vida da poetisa:

Júlia Maria da Costa nasceu em Paranaguá, em 1º de julho de 1844. [...] Foi uma figura controvertida. Há artigos e estudos que a retratam de diversas maneiras, às vezes contraditórias. [...] Lendo suas cartas à família e, sobretudo, as de amor, vemos delinear-se uma personalidade muito interessante: forte, decidida, às vezes audaciosa, antes de mais nada, porém, uma mulher que se antecipou à sua época e que, por isso, muito sofreu. Nascida em um tempo cheio de preconceitos e tabus, e vivendo em uma cidade muito pequena, seu espírito ansioso de liberdade evade-se no sonho, na poesia, nas cartas. Bem jovem ainda colabora em revistas e jornais [...]. Casada por conveniência e imposição familiar, em 1871, com um homem rico mas trinta anos mais velho, Júlia da Costa leva para o casamento a desilusão de um afeto não concretizado pelo poeta Benjamin Carvoliva. Todo este namoro foi pontilhado de poemas e de cartas quase diárias.

Zahidé destaca que imposições familiares, a diferença de idade (Benjamin era 5 anos mais novo que Júlia da Costa), além de, quem sabe, outras características mais, faziam o poeta fugir de um compromisso sério com Júlia da Costa. Acrescenta Zahidé (2001, p.16):

Depois de quatro anos de casamento infeliz, Júlia da Costa vê voltar o poeta, reiniciando-se assim a apaixonada correspondência diária, as cartas sendo colocadas em esconderijos diversos, tais como o oco de uma velha árvore. É Júlia da Costa que, com rara audácia, pois esposa de um comendador, chefe do Partido Conservador em uma cidadezinha como São Francisco do Sul, sugere ao poeta a fuga e a vida em

comum. E, mais uma vez, é o poeta quem foge, com medo da opinião pública. Ou, quem sabe, não a amou como ela o amara... [...] A vida de Júlia Maria da Costa tem feição cinematográfica. Não obedece aos padrões vigentes para a mulher brasileira do século XIX. Inteligente e independente, sucumbe somente ao amor-paixão pelo poeta Benjamin Carvoliva. Essa paixão e o abandono se tornam a marca da poesia de Júlia da Costa. Em seus poemas, verdadeiros lamentos, busca a razão e o consolo para uma vida tão cheia de solidão, sem outro horizonte do que o branco da folha de papel à sua frente ou o branco do teclado do piano, duas atividades da artista, entre as quais se moveu a alva figura de Júlia Maria da Costa. Escreve e toca. Toca e escreve, recusando as outras atividades de cunho doméstico [...]. A solidão se tornou cada vez maior depois da morte do Comendador que a habituara a receber figuras de proa da sociedade catarinense. Viúva, a poetisa vai ficando cada vez mais expurgada da vida de festas. Fechando-se em casa, acreditava-se perseguida pelos seus concidadãos, vendo o riso e o escárnio em cada um que a olhasse. Nessa velhice solitária, Júlia da Costa enlouquece e se fecha no casarão, por oito anos, dele só saindo para o cemitério.

Vejamos dois poemas dessa melancólica e sonhadora poetisa:

OUTRORA

Outrora, outrora eu amava a vida
meiga, florida, na estação das flores!
Amava o mundo e trajava as galas
dos matutinos virginais amores!

Embalde, embalde, no ruído insano
das doidas festas eu procuro a vida!
Meu corpo verga... meu alento foge...
Sou como a rosa do tufão batida!

ROSA MURCHA

A rosa que desabrocha
entre as luzes de um festim,
diz à rainha da festa:
lembra-te sempre de mim!
Embora murcha ela acorda
doces lembranças de um dia,
pisada ainda ela esparge
perfumes de poesia!

E quando o tempo iracundo
deixe seu cálix mirrado,
nas suas folhas sem vida
guarda um poema encantado!
Filha dos cantos e luzes
que desatou a alvorada,
a triste rosa de um dia
embora murcha, é sagrada!

Júlia da Costa (1867) não escreveu, porém, apenas poemas, embora a poesia tenha sido a sua permanente e vital companheira. Sobre o período mais agitado de sua vida, escreveu ela crônicas e folhetins, hoje identificadas por “crônicas sociais”, nas quais abordava e comentava a moda e festas.

Em 1933, no dia 5 de dezembro, três mulheres ousadas decidiram convocar outras mulheres para, juntas, criarem um local para discussão sobre cultura, por não terem entrada no campo de trabalho dos homens. Inicialmente, convocadas 15 mulheres, fundaram elas o Centro Paranaense Feminino de Cultura, que até hoje, além da atividade literária, promove cursos em diversas áreas da cultura. Homenagem, pois, àquelas três mulheres: Deloê Scalco, médica; Inah Secundino, advogada, e que foi a primeira mulher paranaense a ser funcionária do Itamaraty, destacando-se, por muitos anos, na diplomacia brasileira; e Rosy Pinheiro Lima, também advogada, a primeira brasileira a obter o título de “Doutor em Direito” e a primeira mulher eleita Deputada Estadual, no Paraná.

Em 1959, é o Centro Paranaense Feminino de Cultura que publica “Um Século de Poesia”, registrando tratar-se de uma “coletânea da obra completa de todas as poetisas paranaenses, reflexo da alma poética e feminina do Paraná, nesse século de vida literária”.

A obra, em suas 630 páginas, apresenta 42 intelectuais do Paraná, relacionando, além de Júlia da Costa e Mariana Coelho, que já mencionamos, outros nomes que vieram a se destacar no mundo literário paranaense.

Essa edição comemorativa do 1º Centenário da Emancipação Política do Paraná apresenta cinco nomes que merecem especial citação: Pompília Lopes dos Santos, Vera Vargas, Graciette Salmon, Helena Kolody e Laura Santos, esta a única mulher negra a integrar a antologia.

Laura Santos nasceu em Curitiba em 1921 e começou a escrever muito cedo. Seu primeiro soneto nasceu quando tinha ela apenas 13 anos de idade. O entusiasmo que lhe inspiravam os sonetos de Olavo Bilac, revelou-lhe a sua vocação de poetisa. Em 1953 publicou: “Poemas da Noite”, “Desejo” e ainda “Sangue Tropical”, premiado pela Academia José de Alencar.

É fácil imaginar a troca de olhares sorrateiros que a leitura do poema “Sangue tropical” provocava na pudica sociedade curitibana da época:

SANGUE TROPICAL

Quero na limpidez
das rimas cristalinas
cantar em sons ardentes
o que vai na minha alma, o que vai no meu sangue...

A intensa embriaguez
das auroras divinas
e os cálidos poentes
em que o sol estertora, a vasquejar exangue.

Quero cantar o amor
na doce efervescência
de uma noite de orgia
entre os moles coxins de um harém oriental!
Quero cantar o amor
sem laivos de inocência,
na fulgente alegria
que revolve o meu sangue ardente, tropical.

Gostaria, a partir de agora, de me debruçar apenas sobre outras quatro paranaenses que alcançaram grande expressão e influência no mundo intelectual e literário do Estado: Pompília Lopes dos Santos, Vera Vargas, Graciette Salmon e Helena Kolody.

A revista da Academia Paranaense de Letras registra resumidamente algumas informações sobre a Professora Pompília Lopes dos Santos, que

[...] nascida em Curitiba, no dia 7 de agosto de 1900. Na Escola Normal, onde se formou, em 1918, já se destacava por seus recursos oratórios e intelectuais. Casou-se com o Professor Dario Nogueira dos Santos e em Paranaguá, onde lecionava francês, começou a publicar as primeiras crônicas e biografias nos jornais. Tornou-se pioneira em muitas frentes de iniciativas culturais, notadamente na fundação de entidades. Foi a primeira presidente da Academia Feminina de Letras do Paraná, do Clube Soroptimista Internacional de Curitiba, Sala do Poeta. Também foi a primeira mulher a ingressar na Academia Paranaense de Letras, quebrando velhos tabus. Desde menina manifestava inclinação pela literatura, por influência de notáveis mestres da sua geração.

Além de artigos e crônicas esparsos pela imprensa, publicou: "Literatura Infantil" (Estudo, 1944); Biografias de "Rachel Prado" (1953), "Azevedo Macedo" (1955), e "Georgina Mongruel" (1971); "Página de Saudade" (1955) e os quatro romances que constituem a parte nuclear da sua obra: "Afinidade" (1949 e 1951, 2 edições), romance de tese; "A Fila Triste" (1951, 1956 e 1970, 3 edições), estudo sobre recuperação de egressos de penitenciárias; "Origens" (1961, 2 edições), romance histórico, que obteve o 1º prêmio em concurso promovido pelo Centro de Letras do Paraná; e "Caminhada – da Universidade a Itaipu" (1975), memórias.

Premiada e aplaudida como mestre e intelectual, a professora Pompília se destacava e era admirada também por sua forma de viver: bondade, compreensão, ternura, serenidade, desprendimento, são os traços marcantes da sua personalidade. Incentivadora dos novos. Fui uma das que, em 1963, D. Pompília tomou pela mão e conduziu, com generosidade, aos portais das entidades culturais. Andrade Muricy enalteceu o trabalho da querida professora. Disse ele:

Na brilhante constelação de valores exponenciais femininos da inteligência brasileira, Pompília Lopes dos Santos conquistou bravamente posição relevante. Dum dinamismo inconfundível, é guiada por imaginação prestante e vivaz. Não conheço concepção romanesca mais singular e de tão instante sentido de humanidade, do que A FILA TRISTE, de inegável alcance de universalidade; e de mais amorosa intuição, movida de fidelidade retrospectiva às bases profundas da formação anímica de nossa gens, da complexa gens, paranaense, do que ORIGENS... No facetamento múltiplo da obra de Pompília Lopes dos Santos encontramos biografias de personagens que foram, como a da autora, a um só tempo diligentes até o heroísmo [...] e duma notória fecundidade intelectual.

Embora se considerasse prosadora, produziu muitos poemas, dentre os quais destaco:

AFINIDADE

Na imensidão da praia
há um bloco de granito,
solitário,
apontando o infinito.
Em suave carícia
uma alga-marinha o enlaçou.
Abraço eletivo.
Ao sopro da brisa, o vegetal murmura,
afinando a voz ao doce marulhar
das águas mansas.
Um dia, vagas impetuosas,
em doidos arremessos
lançam-se à praia
e arrebatam do granito a companheira...

Só então, o minério sente
sua condição de pária.
Percebe o significado real do isolamento.
E como antena prodigiosa
continua apontando o infinito,
na ânsia indomável de captar mensagens...
Eflúvios de amor que se evolvem
da alga-marinha – a rolar
e se debater entre vagas e rochedos.
Mas, lá nas alturas,
enquanto a planta fenece...
eleva-se um clarão de luz sideral!
Sons magníficos alçam-se aos ares...
A antena vibra!
E a alma da pedra canta – em surdina –
a mesma canção da alga-marinha.

Como resultado da incansável pesquisa, coleta de dados e participação constante em jornais, a Professora Pompília possuía vasto acervo sobre os literatos paranaenses. Entendeu que deveria enfeixar, num livro, o seu paciente trabalho. Nasceu então, em 1985, editado pelo Banco Regional do Desenvolvimento do Extremo Sul-BRDE, sob a direção do Dr. Carlos Antonio de Almeida Ferreira, o livro *Sesquicentenário da Poesia Paranaense*, valiosa fonte de consulta sobre a produção poética do Estado..

Interessante notar que, dos 179 poetas homenageados no livro, apenas 56 são mulheres: menos de um terço! E, observem, estamos falando em poetas!

Poetas...

Segundo a professora Pompília, poetas

são seres privilegiados que se comunicam em uma linguagem rara [...] numa linguagem que acorda ressonâncias adormecidas, que aguça nossa vista para a contemplação de belezas inesperadas, que desperta a inteligência para realidades inenarráveis, que alerta a alma para emoções novas, profundas... que mergulha a mente nos mistérios das coisas transcendentais! (SANTOS, 1985, p. 13).

Em todas as pesquisas, constata-se que, desde o passado, parece haver uma inclinação natural que leva a mulher à poesia.

Quantas prosadoras temos no Paraná?

Encontramos, no Brasil, nomes famosos, reconhecidos internacionalmente. Mas, e no Paraná, voltamos a perguntar?

Já citamos, no início, Mariana Coelho. Agora, abordamos a obra de Pompília Lopes dos Santos. E quem mais? Algumas poucas e, na maioria, dedicadas à literatura infantil ou às crônicas e, é claro, à autoria de livros didáticos, técnicos e científicos, que têm proporcionado grande desenvolvimento e evolução em todas as áreas do saber humano.

Mulheres guerreiras de sonhos e de ideais. Não mais tão submissas ou inseguras; não mais tão presas à necessidade de aprovação prévia, como se o alvará do juízo crítico fosse indispensável ao primeiro passo.

Mulheres contestadoras ou não, ousam debruçar-se sobre os assuntos que agitam, retorcem suas entranhas e que se derramam, esparramam em expressões de arte, cúmplices de inovações e crescimento da inteligência humana.

Na literatura, especificamente, a mulher paranaense despiu-se de sua timidez cultural, expõe-se, confessa-se, expande limites, entrega-se à lente do estudo e da crítica. Seu trabalho veio ganhando espaço, aos poucos, porém sempre deixando marcas inconfundíveis do valor da contribuição da voz feminina nas páginas da história cultural do Paraná.

O livro "Antologia Didática de Escritores Paranaenses", de autoria da professora América da Costa Sabóia e da jornalista e professora Hellê Vellozo Fernandes, publicado em 1976 pela Secretaria da Educação e Cultura, oferece a biobibliografia e textos para estudo de 50 autores paranaenses, dos quais apenas 9 mulheres: menos de 20%, portanto!

Dessas, cultuando a prosa, apenas Enói Navarro Swain, mais dedicada aos textos dirigidos às crianças, e Hellê Vellozo Fernandes, esta sim, contista e romancista, com diversos livros publicados e três romances premiados. Embora ausente por motivo de sérias limitações de saúde, ocupa a cadeira nº 37 da Academia Paranaense de Letras, sucedendo a professora Pompília Lopes dos Santos. Em razão dos parâmetros que me impus para esta palestra (enfocar, apenas, as mulheres já falecidas), deixo de ampliar comentários sobre a valiosa obra de Hellê Vellozo.

De Pirafó do Sul, na região dos Campos Gerais, o Paraná recebeu Vera Vargas. Professora e advogada, ocupou cargos de destaque em sucessivos governos do Estado.

Criada junto à natureza, teve sua sensibilidade lapidada por sua avó, dona Joana Borba Rolim, a Vovó Nhandy, filha de Telêmaco Borba, o grande sertanista e indigenista, além de respeitado político paranaense, que, certamente, impregnou a alma de Vera dos sentimentos de cidadania e de solidariedade.

Poetisa, cronista, trovadora, pesquisadora da trova e da literatura paranaense, publicou apenas um livro, de poemas: "Um barco na poça d'água", em 1968 e se destacou como compositora e letrista competente, autora de dezenas de hinos para municípios paranaenses. Compôs, também, o hino do Centro Paranaense Feminino de Cultura e o "Hino do Reflorestamento do Paraná, que reflete muito mais do que um sadio sentimento paranista, uma profunda avaliação dos problemas vigentes" (Antologia Didática de Escritores Paranaenses, p. 358).

Fiel retrato dessa versátil mulher, encontrei no livro *Sesquicentenário da Poesia Paranaense*. Assim se manifesta a professora Pompília:

A Dra. Vera Vargas é uma pessoa especial. Admirável como poetisa. Oradora perfeita. Se prepara as suas peças oratórias, estas são magníficas, prendem a atenção do ouvinte, arrebata, ensinam, orientam! Se apanhada de surpresa, improvisa, o seu entusiasmo cresce, a emoção se exterioriza e seu verbo candente contagia o auditório. Então se estabelece a fusão perfeita que se transmuda em atmosfera de sonho. Essa é Vera Vargas, a criatura adorável, inteligente e humana, amada por todos os que têm a felicidade de conhecê-la. Comunicativa. Fluente. Sua simples aparição é o primeiro passo para a conquista do auditório. O olhar abrangente, a voz suave e o sorriso luminoso [...] arrebata os ouvintes. E a sua emoção se estende aos leitores (SANTOS, 1985, p.300).

Destaco dois poemas de Vera Vargas.

NA ANTIGA OLARIA

Na antiga olaria
existe um burrinho
girando,
girando,
o dia inteirinho,
amarrado a um tronco,
amassando barro.

Velha e tosca olaria é a minha vida,
onde um coração fatigado e triste,
mói eternamente
palavras, palavras, palavras...

MINHA VIDA

Minha vida
é a sucessão contínua
das noites e dos dias.

Enquanto a luz do sol canta radiosa,
acho fácil trilhar minha vereda,
caminho alegre, forte, corajosa.

E quando a noite vem, para que não falte guia,
eu tiro do passado uma fagulha de ouro
e risco no meu céu a estrela da poesia.

Contemporâneas de Vera Vargas, temos outras duas poetisas de relevo: Graciette Salmon e Helena Kolody.

Sobre Graciette Salmon, escrevi o ensaio "Graciette Salmon – A Ciranda da Estrela Sozinha", participando do concurso promovido, em 1991, pela Secretaria de Estado da Cultura. Graciette publicava seus poemas em periódicos diversos. No início de 1947, com 44 anos, edita seu primeiro livro: "O que ficou do sonho". Nele, desnudava seu sentimento e ousava encarar suas emoções, revelar seu intenso, profundo amor. É como se fosse um diário íntimo que, num gesto compulsivo de desespero, precisa ser revelado. E o amor de Graciette era doidamente desmedido, porque oculto. Amor amado à distância, platônico e, por isso mesmo, potencializado na ansiedade, nas expectativas, nas idealizações.

Interessante notar que, embora desmanchando-se em amor, dele sempre fugiu, como se houvesse de cumprir o destino de sofrer apaixonada, para poder criar. Não partilhada, a dor cresce, incha, afoga... Escrever, portanto, era uma necessidade, uma compulsão. Para Graciette, a vida, às vezes sem sentido, tomava o rumo e o sentido da emoção do momento, da alegria fugaz, ou do desalento. Junto com a emoção, o pensamento de Graciette Salmon vagava e divagava, encontrando, nos lugares comuns do dia-a-dia, os motivos da inspiração, como neste poema:

COMO ESSE TREM...

Há sempre um trem que sai de madrugada.
Deixa a estação e corre pela estrada
sinuosa, comprida,
que é golpeada, ferida

pelo jato de luz de seu farol enorme.
Anunciando a partida, um breve apito
rompendo o silêncio, como um grito,
angustioso, lancinante,
e ecoa além, distante,
na cidade que dorme.
Não leva passageiros. Leva carga
volumosa e pesada,
que em paradas diversas
vai ser descarregada
nas estações dispersas
o longo do roteiro em que se alarga
sua prevista jornada.

Alfim, quando vazio, há de voltar
à estação inicial do itinerário
para recomeçar o seu fadário
sem nunca descansar.

.....
Meu pensamento caminheiro,
seguindo sempre igual roteiro,
leva constante a enorme carga
de uma enorme saudade, funda e amarga.

Vai longe, carregado... vem sem nada...
como esse trem que sai de madrugada.

Graciette parecia aceitar a solidão, carga pesada, como se fora implacável fatalismo. A utilização do trem induz a pensar que os caminhos tinham, obrigatoriamente, que ser cumpridos, num vai-e-vem pré-determinado, sem possibilidade de sair por outras vias, sem opções, portanto. E a poetisa se entregava, resignada, sem lutar, sem procurar encruzilhadas que lhe permitissem, ao menos, tentar... Depois, mergulhava, ilusoriamente, numa vida em que o amor, finalmente, parecia dominado, revertendo-se em sentimento manso.

Nesse quase autismo voluntário, parecia sentir a vida de forma diversa. E seus poemas tinham outra melodia. Isolava-se em seus sonhos, recolhia-se na vida onírica. E tinha suas razões... A poesia de Graciette flui graciosa, inspirada, comovente. Abordava o tema amor sem, no entanto, repetir-se. Ao contrário, a cada criação, renovava-se no encontro da imagem poética antes não pensada. No livro *A Vida por Dentro* desfilam os mais belos sonetos de amor que a literatura paranaense já teve. Da obra de Graciette se pode inferir algumas características de sua personali-

dade: sensibilidade, perseverança, emotividade, delicadeza, ansiedade, perfeccionismo... Alma pura, cultuava o belo com zelo, capricho, ternura, quase como que afagando as palavras ao depositá-las, carinhosamente, mas com firmeza, no lugar certo para compor o verso. Por isso, enalteceu a literatura do Paraná, espalhando generosamente seus trabalhos, por meio de sua rica e intensa correspondência, que ultrapassava as fronteiras do país. Com justiça foi chamada de Consulesa das Letras e também como decorrência, recebeu homenagem inusitada, prestada por poetas mineiros, que colocaram seus trabalhos em primeiro plano, abrindo a antologia "Garimpeiros de Sonhos", coletânea de 240 sonetos, editada em Belo Horizonte.

Versátil, Graciette ia do soneto à poesia livre e à prosa, com a mesma naturalidade, segurança, inspiração. Na métrica, foi perfeita, sem deslizos; na rima, foi criativa, original, revelando cultura invejável, riqueza de vocabulário. Parecia deslizar com suavidade, ao compor cada verso, cada estrofe, o poema inteiro. Sua força de expressão, seu lirismo mais comovente se faziam sentir, porém, na poesia com forma fixa (chamada clássica). Seus sonetos têm força incomparável; mas seus versos brancos encantam pelas imagens e mensagens. Assim como um profissional habilidoso e competente maneja com desenvoltura seus instrumentos de trabalho, Graciette trabalhava com as palavras, numa relação de absoluta intimidade, sem vacilações. Dominava o vernáculo; usava-o sem esforços artificiais. As expressões fluíam com naturalidade, porque partes integrantes dela mesma.

Além do livro citado inicialmente, publicou mais 11 (onze) obras: "Caminhos de ontem" (poesia, 1953); "A vida por dentro" (poesias, 1956); "Vão clamor" (plaqueta sobre a poesia de Leôncio Correia); "À beira do tempo", 1958; separata do livro Um Século de Poesia, edição do Centro Paranaense Feminino de Cultura; "Enquanto houver caminho", (poesias, 1958), premiado pelo Centro de Letras do Paraná; "Cantinho de poesia" (crônicas, 1964); "Dona vida", (poesias, 1964); "Pássaro perdido", (poesias, 1967); "Estrela sozinha", (poesias, 1969); "Vitril iluminado", (poesias, 1971); "Ciranda", (poesias, 1982).

Graciette é emotividade e delicadeza, suavidade e tristeza apaixonada. É a expressão lírica da alma da mulher paranaense.

Três poetisas fizeram da poesia sua forma de extravasar o amor não vivido: Júlia da Costa: que viveu a dupla tragédia de um amor e de um casamento fracassados; Graciette Salmon: que renunciou ao seu amado, por compreender o sentimento que surgira entre ele e sua irmã e certamente sufocou muitas dores e lágrimas, que apenas os versos acolhiam; Helena Kolody: que rompeu um noivado, por entender que a vida boêmia de seu amado poderia, com o tempo, transformar o encanto do sentimento em decepção e amargura. Não quis correr o risco de ver seu sonho de amor naufragar em desilusões. Graciette assim cantou o seu sofrimento, no soneto:

DEPOIS DAQUELA DESPEDIDA

Num aperto de mão, quase apressado,
uma frase banal, sem expressão.
Eu tinha o coração despedaçado,
mas sorria, fingindo distração.

A voz tranqüila, o gesto sossegado.
Em nada se traiu minha emoção.
Dentro de mim, que choro desolado!
Mas era meu sorriso uma canção.

A angústia fiz passar despercebida,
porém, àquele adeus, rápido e frio,
minha alma inteira estremeceu ferida.

Você partiu. Eu, desde então, sorrio,
e no sorriso escondo este vazio,
este nada que é agora a minha vida

E a voz de Helena confessa, no poema

RENÚNCIA:

Porque fujo de ti, dizes que sou covarde.
Não percebes, então, a excessiva bravura
que é preciso empregar para fugir-se à ventura,
quando em sede de afeto o coração nos arde?

Heróica e silenciosa, ignorada e sem glória,
a renúncia, no amor, é a suprema vitória.

Em uma das mais sublimes composições poéticas, Helena expressou a não concretização carnal desse amor:

Fomos duas árvores castas.
Não misturamos as raízes.
Apenas enlaçamos
os ramos
e sonhamos juntos.

Helena Kolody...

Helena Kolody foi a primeira criança nascida, em 12 de outubro de 1912, no recém-criado núcleo colonial de Cruz Machado, Estado do Paraná. São de 1924 seus primeiros versos, época em que estudava piano e pintura em Mafra. Seu primeiro poema, "A Lágrima", foi publicado em 1927. A partir de 1930, seus versos passam a ser publicados em jornais e revistas e, especialmente, na revista "Marinha", de Paranaguá. A beleza de forma e conteúdo do soneto "Sonhar", publicado em 1933, imediatamente alertou a crítica para o talento que surgia.

Em 1941 publicou seu primeiro livro, "Paisagem Interior", dedicado ao pai (Miguel Kolody) e preparado em segredo, visando bela surpresa. Por ironia do destino, faleceu-lhe o pai sem a ventura de apreciar o trabalho literário da filha. Apesar disso e compensando de certo modo seu sentimento de frustração, o livro mereceu o segundo lugar em concurso de poesia, no Rio de Janeiro (Revista da Academia Paranaense de Letras – Biobliografia, Curitiba, 2001).

Helena Kolody, com sua alma de brasileira, mas com a influência da sua ascendência eslava, é a poetisa do mundo interior, dos grandes sonhos de luz, de paz e de harmonia.

Percepção ampla, profunda, total...

Helena Kolody! Todos, todos, sem exceção, que com ela tiveram contato, expressam a sua admiração pela suavidade, meiguice, fluência no falar. Ouvir Helena era penetrar num mundo poético de grande conhecimento. Cada palavra era parte de um verso novo, que nascia com naturalidade, sem afetação.

Disse Alice Ruiz, certa ocasião:

Quando Helena fala e escreve, poesia e vida se confundem uma na outra [...]. A frase/poema sai do cotidiano, passeia pela experiência da sensibilidade e termina por acertar no ponto limítrofe entre o pensar e o sentir. A viagem da linguagem e o exercício do corte preciso são a marca registrada de sua poesia e parece ser o principal trabalho de sua vida. [...] Aliás, tudo que ela diz é poesia, ou pela forma rica e imprevisível, ou pela densidade da emoção, ou pela sutileza da intuição, ou pela raridade da observação, ou tudo isso junto [...]. Helena nos mostra como um mestre zen, que a poesia está nas coisas, é só acertar o olhar. (RUIZ, apud VENTURELLI, 1995).

Não me atrevo a analisar a obra de Helena. Quem o fez com grande maestria foi o professor-doutor Antonio Donizeti da Cruz. E também a própria Helena, em conversas e entrevistas que concedia, revelava como entrelaçava os fios da sua criação.

Afirmava haver “um elemento lúdico no fazer poético, uma emoção de prazer, como em qualquer jogo. É um jogo fascinante, feito com palavras” (KOLODY, 1986).

Parece, mesmo, que Helena brincava com as palavras, como menina travessa, só para ver o resultado. Ficava na expectativa da reação, da qual ela necessitava para validar a qualidade do seu trabalho. Dizia que lhe faltava senso crítico e que, portanto, não tinha certeza do valor do poema, razão pela qual a importância do julgamento alheio. Talvez por isso burilava com tanto esmero os seus versos.

O conhecimento lingüístico admirável, o domínio de recursos estilísticos, as originais metáforas, a fina sensibilidade e intensa emoção refletidos nos poemas kolodyanos levaram, inevitavelmente, ao reconhecimento e admiração.

O sucesso foi – e é – merecido. Seu próprio nome parecia prenunciar a colheita. O anagrama do seu nome, Helena Kolody, ao se efetuar a transposição das letras, revela: “ei-la colhendo”. Helena continua colhendo os aplausos, porque é (sim, no presente), é a voz feminina na literatura que comove, apaixona, sensibiliza, entenece, acrescenta.

A lamentar, tão somente, que as autoridades públicas não estejam (como nunca estiveram) voltadas à divulgação mais ampla da obra da inconfundível Helena Kolody, cuja competência foi muito bem descrita pela Professora Neumar Carta Winter, quando escreveu em recente estudo:

Helena Kolody tem a ‘chave’: sabe explorar as ‘mil facetas secretas’ contidas em cada palavra. [...] Helena Kolody tem a natureza do poeta. É a poesia que concede à palavra esse poder ilimitado, essa força total, dada a multiplicidade de significados associados à sua musicalidade e sonoridade. Helena Kolody identifica-se com a poesia. Sempre soube explorar todas as nuances que a palavra oferece, empregando-a com destreza e habilidade poética. Sempre soube estabelecer uma ininterrupta sintonia entre sua visão de mundo e sua manifestação pela palavra. A poesia de Helena Kolody demonstra que sua inspiração é um permanente estado de graça. Capturando o momento, transforma-o em poesia, empregando figuras de linguagem fluidas, leves, plenas de significados (Revista da Academia Paranaense de Letras, 2004).

Quanto amoroso cuidado tinha Helena na escolha da forma de dizer. Então, confessava:

A poesia é, para mim, como uma visita inesperada. Nunca sei como, nem quando vai chegar. Começo a sonhar palavras. Depois, não sei se está bom, ou se está fraco, onde falhou. [...] O sonho sempre é mais bonito [...]. A expressão é uma luta ingente com as palavras. Quando acerto as que eu queria, transbordo de felicidade. Junto com a alegria de criar, existe a agonia de perseguir o inatingível (KOLODY, 1986).

A palavra nem sempre consegue captar o sonho. O sonho é um vôo. E o que digo é a sombra do que sonhei. O que a gente sonhou é maior, não conseguiu dizer" (Revista Cartaz 31.03 a 06.04.94).

O poema "Canto místico" bem demonstra a angústia, a luta interior entre o imaginado, sonhado e a limitação imposta pela concretude da manifestação verbal, a impossibilidade de dizer a essência, de expressar, fielmente, a intensidade do sentimento:

CANTO MÍSTICO

Aqui estou, Senhor, no meio desta nave
pra cantar em teu louvor.
Minha voz é prisioneira da garganta:
conhece a gama dos sons e não pode cantar.

Há vibrações sonoras em meus nervos.
Mas a voz ausentou-se de meu ser.

Teu mundo é uma ciclópica poesia
que brilha no céu e brota no chão
e rugem e ri e canta e chora.
Não encontro, porém, as palavras exatas dessa canção.

Se eu pudesse, ao menos,
cantar a plenitude singela
de um momento feliz.

Dizer a inocência de uns olhos de criança,
olhando serenos nos olhos da mãe...

A música das esferas
sinto fremir, ouço vibrar
e não posso cantar.
Aqui estou, prisioneira de minha mudez,
aflita e em pranto, no silêncio grave
da iluminada imensidão de tua nave

Com o seu porte majestático, Helena parecia ser a própria manifestação onírica. Era o sonho o seu refúgio. Foi o que confessou no poema

CANTIGA

Tudo que a vida negou,
o sonho sempre me deu.
O próprio sonho rolou
nas águas fundas do olvido.

Creio mesmo que o sonho era seu alimento vital.

Helena era autêntica. Aliás, tudo nela era autêntico, comovente. Sua vida foi uma permanente demonstração de verdadeira e eloqüente beleza.

Faleceu em 14 de fevereiro de 2004. Dias após, lembrando as visitas que lhe fazia, assim escrevi:

As mãos se levantam, abertas, leves como pássaros se alçando para o vôo. Mãos generosas e acolhedoras. Acompanha as mãos, o sorriso largo, sincero. E os olhos confirmam todos os gestos: profunda e intensamente azuis, também se doam e sorriem. Afinal, mesmo sentada, seu corpo todo recebe, amorosa e serenamente. Quem é capaz de esquecer um encontro assim? A emoção aflora e a vontade é ficar de joelhos à sua frente, para usufruir inteiramente o privilégio de poder ouvir, ver, sentir [...]. Doce Helena [...]. Os lábios se abrem e as palavras brotam. Nascem poesias, espontaneamente. Nada para estranhar; afinal, ela não é poeta: ela **É** poesia.

Cada encontro com Helena Kolody era uma viagem preciosa por mundos oníricos. Era receber a oportunidade de compartilhar revivescências, lições de vida e de amor.

Atenta, observadora, sabia conhecer, pressentir, ouvir também com a pele e com o próprio instinto os sinais emanados por quem estava ao seu lado. Sua percepção vibrava à mínima mensagem.

A sua sensibilidade não se limitou à criação poética, embora, por meio dos poemas ela tenha manifestado toda profundidade das emoções, que até mesmo as pequenas situações do dia-a-dia provocavam. A natureza, a vida, as crianças, flores, astros, estrelas, fatos ... tudo alcançava estado de vibração intensa.

Professora perspicaz, fazia da sua intuição a bússola a indicar o caminho preciso para alcançar o objetivo, não de instruir, apenas, mas de verdadeiramente educar ... por isso, respeitada por todos seus alunos.

Sensibilidade para saber o momento adequado para agir, para alertar, para ponderar, para decidir, por isso, amada por todos. Sensibilidade para avaliar as incontáveis produções literárias que lhe eram enviadas, para apreciação, usando palavras adequadas de estímulo, por isso, admirada por todos. Sensibilidade, afi-

nal, perante ela mesma, aceitando com dignidade os seus limites, as dificuldades impostas pela idade. Jamais alguém a ouviu maldizer a situação que a impedia de participar das atividades que, antes, tantas alegrias lhe proporcionavam. Ao contrário, sempre demonstrou gratidão por tudo quanto vivia. A fé, sua companheira fiel e permanente, garantia-lhe a confiança no amor divino. Enfim, pela mulher fascinante, professora competente e poetisa incomparável, foi aclamada, aplaudida, homenageada. E jamais perdeu a humildade.

Sensibilidade na hora derradeira. Reconhecendo que o grande e magistral poema de sua vida estava sendo concluído, testemunhou a colocação do ponto final, cantando "Ramona", a música preferida na mocidade. Colocou em prática o que confessara ao encerrar o poema já citado

CANTIGA:

Chegar ao porto
da vida finda
cantando sempre,
sorrindo ainda.

Na verdade, a vida de Helena Kolody não teve ponto final, porque ela permanece imortal nos exemplos e na obra que deixou, que indefinidamente continuarão a despertar e estimular a sensibilidade em todos nós, pois, como disse a poetisa Cora Coralina:

Não morre aquele
que deixou na terra
a melodia de seu cântico
na música de seus versos.

Começamos este encontro destacando a importância da palavra. Gostaria de encerrar com o que dizia Helena Kolody:

Aprendi a conhecer o poder extraordinário que a palavra tem e adquirir consciência da responsabilidade que a palavra gera. Ela tem um valor presente e um alcance futuro incalculável. O que dizemos deixa marcas indeléveis na inteligência e na sensibilidade dos outros. (KOLODY, 1997, p. 62).

Meu instrumento de arte e de trabalho sempre foi a palavra... A palavra tem um poder que nem sempre sabemos usar, e muitas vezes usamos mal. São as palavras que

decidem a sorte dos homens e o destino das nações. Que nossa palavra esclareça, encoraje, console, encaminhe, seja luz no mundo, um instrumento de paz e de fraternidade. (KOLODY, 1989).

No poema “Apelo” essa preocupação da Helena fica evidente:

Ensina-me, Senhor, a palavra exata,
a grande palavra reveladora e fecunda
que devo clamar, clamar e clamar
para acordar, nos que adormeceram
a consciência do seu destino maior.

Escolher a palavra exata, essa a missão do escritor responsável, daquele que acrescenta, que dá continuidade à criação, para modificar o mundo, para fazer a HISTÓRIA e garantir a MEMÓRIA. Há, portanto, uma parceria e cumplicidade entre autor e leitor. O círculo somente se completa com a participação de ambos, com essa união, com a transferência de idéias, opiniões, mensagens, confissões, conclusões...

No DISCURSO FEMININO, a palavra da mulher é protesto e é louvação; é lamento e é canto; é pacatez e é vibração; é oferta e é apelo; é ideal e é realidade; é caos e é ordem; é apego e é doação; é vazio e é completude. E nossas mulheres, que se superaram pela literatura, em razão da literatura, foram além da literatura, pois sua voz, projetando palavras no tempo e no espaço, teve e tem significativa e indispensável parcela de contribuição para o crescimento, a evolução, o desenvolvimento da arte e, via de consequência, da própria vida.

E eu agora acrescento: espero que minha palavra tenha, igualmente, contribuído para espalhar faíscas que possam clarear alguns cantos escuros do complexo, porém rico universo feminino, que inclui mulheres destemidas e ousadas que, há anos, felizmente, com sua voz e sua palavra têm rasgado a pele de preconceitos, ousando romper limites para poderem mostrar, ao mundo, sua autêntica face, suas verdadeiras emoções.

NOTAS

¹ Poeta paranaense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. Sociedade Bíblica do Brasil, 1984.

CENTRO Feminino de Cultura. *Um século de poesia: Poetisas do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1953.

COELHO, Mariana. *O Paraná mental*. 2 ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

KOLODY, Helena. Helena Kolody – poetisa. In: *Cadernos do MIS nº 13*. Curitiba: Museu da Imagem e do som / Secretaria de Estado da Cultura, 1989 (Depoimento a Fátima Freitas e Graça Bandeira).

_____. *Sinfonia da vida*. Curitiba: Pólo Editorial do Paraná, 1997.

_____. *Viagem no espelho*. Curitiba: Criar Edições, 2001.

_____. *Um escritor na biblioteca*. Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná, 1986.

MUZART, Zahidé Lupinacci. *Poesia – Júlia da Costa*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

POR que razão escreve o escritor? *O Estado do Paraná*. Curitiba, 14 de agosto de 2005.

REVISTA da Academia Paranaense de Letras, nº 49, Ano 68, maio/2004. Curitiba: Posigraf, 2004.

SABÓIA, América da Costa; FERNANDES, Hellê Vellozo. *Antologia didática de escritores paranaenses para 1º e 2º graus*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1976.

SANTOS, Pompília Lopes dos. *Sesquicentenário da poesia paranaense*. Curitiba: BRDE - Banco Regional do Desenvolvimento do Extremo Sul, 1985.

VENTURELLI, Paulo. *Helena Kolody: Série Paranaenses*. nº 6. Curitiba: Editora UFPR, 1995.

_____. *Composições para meus amigos*. Curitiba: Edição do Autor, 1997.

WOELLNER, Adélia Maria. *Graciette Salmon – A ciranda da estrela sozinha*. 2 ed. Curitiba: Editora Torre de Papel, 2003.